



EMERSON JOSÉ SOUSA SILVA

**A PERCEPÇÃO DA IMAGEM CORPORAL DE HOMENS DE
DIFERENTES IDENTIDADES SEXUAIS DO CURSO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

**LAVRAS - MG
2019**

EMERSON JOSÉ SOUSA SILVA

**A PERCEPÇÃO DA IMAGEM CORPORAL DE HOMENS DE DIFERENTES
IDENTIDADES SEXUAIS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia apresentada ao Colegiado do curso de Educação Física, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Prof. Dr. Fernando Roberto De Oliveira
Orientador

Prof. Me. Helton Pereira De Carvalho
Coorientador

**LAVRAS – MG
2019**

EMERSON JOSÉ SOUSA SILVA

**A PERCEPÇÃO DA IMAGEM CORPORAL DE HOMENS DE DIFERENTES
IDENTIDADES SEXUAIS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
THE PERCEPTION OF THE BODY IMAGE OF MEN OF DIFFERENT SEXUAL
IDENTITIES OF THE PHYSICAL EDUCATION COURSE**

Monografia apresentada ao Colegiado do curso de Educação Física, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

_____, em __ de _____ de 2019

Prof. Dr. Fernando Roberto De Oliveira (Orientador)

Prof. Dr. _____

Prof. Me. Helton Pereira De Carvalho (Coorientador)

**LAVRAS – MG
2019**

Aos meus pais, Sr. Eguimar Antônio da Silva e Sra. Maria Lúcia de Sousa Silva, que mesmo sem entender absolutamente nada em relação ao tema abordado pelo presente trabalho, apoiaram-me e incentivaram-me todo o tempo para que melhor pudesse ser redigido.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Lavras, e ao Departamento de Educação Física, por proporcionarem toda a vivência necessária e a oportunidade da realização do curso.

Ao Professor Dr. Fernando Roberto de Oliveira, pela orientação, broncas comentários inesquecíveis e toda experiência que me proporcionou durante todo o curso. Dando êxito claro, ao seu lado humano, que jamais esquecerei... “SEJA VOCÊ, MAS SEJA UM CIDADÃO DE BEM”. “O MUNDO PRECISA DE AMOR”. “HOJE NÃO DISCUTIREMOS POLÍTICA, DISCUTIREMOS A FORMA DE AMAR”. “SEJA SEMPRE LOBO”.

À Professora Dr. Nathália Maria de Resende por fazer acontecer momentos incríveis durante a minha graduação, proporcionando vivências inesquecíveis na área de adaptada motora, a qual me encantei e me descobri. “É um ciclo”.

Ao NEPE Núcleo de estudo, pesquisa e extensão em Paradesporto, o qual pude ser presidente e atuar na extensão durante aproximados 3 anos.

Aos amigos e irmãos da equipe de Voleibol da Universidade, por todos os momentos de vitórias, derrotas, alegrias e tristezas.

Àqueles que permitiram que esse caminho fosse e continue sendo escrito, Meus pais, Sr. Eguimar Antônio da Silva e Sra. Maria Lúcia de Sousa Silva, aos meus irmãos Angélica Aparecida da Silva, e Erivelton Tadeu de Sousa Silva, e a minha sobrinha Vitória Aparecida e a todos meus familiares que sempre serão a base de tudo.

Aos meus afilhados que me faziam sorrir nos momentos em que o básico estava se tornando difícil.

Aos amigos que surgiram durante a minha graduação.

À “nossa” república Mato Alto e todos os seus integrantes que me ajudaram durante esses anos de graduação.

Ao amigo, professor e coorientador Helton Pereira de Carvalho por acreditar em mim, me ajudar e me apoiar em todos os momentos.

Aos alunos e professores da Apae que com seus sorrisos diários me fizeram esquecer de todos os episódios de dificuldades que aconteceram durante alguns ápices da graduação.

Ao meu Deus que me ouviu nos momentos que ninguém podia ouvir, que me deu forças para as maiores batalhas que lutei comigo mesmo, e foi também meu maior refúgio nos momentos de desistência e de que a Universidade não seria pra mim.

Ao professor Cláudio; da Escola Estadual Afonso Pena Júnior, o qual desde sempre me incentivou ao esporte e com seu carisma e espírito de paz, mostrando a todos que menino também joga vôlei, interferindo nas minhas escolhas juntamente com meu conhecimento.

O QUE EU VI NA UNIVERSIDADE PÚBLICA.

Vi a Universidade ofertando ensino infantil de qualidade para a comunidade local.

Vi estudantes se unirem para arrecadar quase três toneladas de alimentos para o banco de alimentos da cidade.

Vi colega de família carente entrar em “curso de elite” sem ter que pagar mensalidade ou aluguel e ter auxílio para se formar e dar um futuro a família. Balbúrdia? Não vi.

Vi alunos de graduação fazendo trabalho de extensão para pessoas com deficiência e crianças carentes. Atos ridículos? Não vi.

Vi gente preta construindo seus conhecimentos.

Vi pretos sendo campeões no esporte, e mostrando que oportunidades deveriam ser para todos.

Vi amigos de escola pública entrando na universidade por cotas e passar em primeiro lugar no doutorado. Hipocrisia? Não vi.

Vi crianças frequentar projetos de extensão na universidade, para receber seu “lanchinho” no final do horário. Atos ridículos? Não vi.

Vi alunos cuidar de animais abandonados na comunidade. Balburdia? Não vi.

Vi calouros participando do trote solidário e doando sangue para a população. Atos ridículos? Não vi.

Vi estudantes sobreviverem com bolsa de 300,00 ao mês. Balburdia? Não vi.

Vi pais chorando ao ver o seu primeiro filho receber diploma e mérito acadêmico diante a comunidade. Ato ridículo? Não vi.

Vi mais de 18 mil alunos na amostra de profissões da universidade. Balbúrdia? Não vi.

Vi a primeira mulher Trans ingressar no mestrado na Universidade Federal de Lavras. Ato ridículo? Não vi.

Vi aluno desenvolver projeto de suporte básico de vida, levando esse conhecimento para as classes menos afortunadas. Balbúrdia? Não vi.

Vi bons alunos sendo pressionados pelo sistema arcaico e desenvolvendo problemas psicológicos que os levaram as escolhas infelizes.

Vi protestos sendo organizado em prol de uma boa educação, e levando conhecimento a população local. BALBÚRDIA???

NÃO VI..

SILVA, emerson.

RESUMO

Introdução: As frequentes indagações a respeito da imagem corporal no curso de educação física diante ao público masculino colocam em questão alguns princípios, dando ênfase nas diferentes identidades sexuais. Desta forma, dedicou-se nos conceitos de Identidade e Esquemas de Gênero, Orientação Sexual e de Imagem Corporal. A premissa partiu da ideia de que a percepção da imagem corporal poderia ser diferente, dependendo da identidade e esquemas de gênero ou orientação sexual, devido aos diferentes comportamentos. O objetivo do presente estudo foi analisar a percepção da imagem corporal de homens de diferentes identidades sexuais do curso de Educação Física. **Método:** Utilizou-se da pesquisa empírica, do tipo observacional, de caráter quantitativo, com recorte temporal transversal, com a aplicação de um questionário autoaplicável, com dados sociodemográficos com orientação sexual (Escala Kinsey) identidade de gênero, a Escala de Silhuetas de Stunkard, e o Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito. Para a análise dos dados, realizou-se a tabulação dos questionários numa planilha do Excel, após, analisou-se os dados no programa estatístico IBM SPSS versão 22. **Resultados:** Não se encontrou associação entre as identidades sexuais, Orientação Sexual, Identidade de Gênero e Perfil Psicológico de Gênero. A imagem corporal também não se associou com as identidades sexuais. A percepção da imagem corporal se associou com o corpo considerado ideal para homens, em que os insatisfeitos pelo excesso de massa corporal veem como ideal os corpos mais menores (imagem 3 e 4 da escala) e os insatisfeitos pela falta de massa corporal veem como ideal os corpos com maiores (imagem 4 e 5 da escala). **Considerações Finais:** Como os homens se identificaram com a identidade gênero, não estão relacionados com a forma como foram classificados os comportamentos e a cognição de gênero, perfil psicológico de gênero, ou seja, homens não são obrigatoriamente exclusivos masculinos como acreditam. A percepção da imagem corporal dos homens também afeta como eles veem os corpos ideais de outros homens.

Palavras-chave: Imagem Corporal. Identidades Sexuais. Homens. Universitários.

ABSTRACT

Introduction: Frequent questions about body image in the physical education course facing the male public call into question some principles, emphasizing the different sexual identities. In this way, focused on the concepts of Identity and Gender Schemes, Sexual Orientation and Body Image. The premise was based on the idea that the perception of body image could be different, depending on the gender identity and schemes or sexual orientation due to different behaviors. The objective of the present study was to analyze the perception of the body image of men of different sexual identities of the Physical Education course. **Method:** It was used an empirical, quantitative, cross-sectional research, as an observational study using a self-administered questionnaire, with sociodemographic data with sexual orientation (Kinsey Scale) and gender identity, The Figure Rating Scale (Stunkard Scale), and the Male Inventory of the Self-Concept Gender Schemes. To analyze the data, the questionnaires were tabulated in an Excel spreadsheet, after which the data were analyzed in the IBM SPSS version 22 statistical program. **Results:** No association was found between sexual identities, sexual orientation, gender identity and psychological gender profile. Body image was also not associated with sexual identities. The perception of body image was associated with the body considered ideal for men, in which those dissatisfied with the excess body mass see as ideal the smaller bodies (image 3 and 4 of the scale) and those dissatisfied with the lack of body mass see as ideal the bodies with (image 4 and 5 of the scale). **Final Thoughts:** As men have identified with gender identity, they are not related to how they are classified behaviors and gender cognition, psychological gender profile, so, men are not necessarily masculine exclusive as they believe. The perception of the body image of men also affects how they see the ideal bodies of other men.

Keywords: Body Image. Sexual Identity. Men. Undergraduate.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.3 ORIENTAÇÃO SEXUAL.....	15
2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA.....	19
3. MATERIAL E MÉTODOS	20
3.1 Caracterização da pesquisa.....	20
3.2 Sujeitos do Estudo.....	20
3.3 Instrumentos.....	20
3.4 Procedimentos de coleta.....	25
3.5 Tratamento dos dados.....	25
4 RESULTADOS	27
4 DISCUSSÃO	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Durante longos períodos de dificuldades para pensamentos divergentes dos preceitos religiosos, que seguiram pelos séculos V e XVI, com a predominância e expansão católica, o mundo ocidental mergulhou no período obscuro de poucas arguições, e as que existiam estavam retidas aos clérigos de maior ordenação.

Porém, foi a partir do fim século XVI, com o renascimento e o iluminismo que surgiram novos questionamentos, no qual a racionalidade filosófica, científica, social, política e econômica voltou a ascender. Em decorrência das constantes transformações econômicas e de organização social, impulsionaram alguns marcadores sociais e lançaram novos modelos e exigências, na qual geraram mais afastamentos de grupos que divergiam do modelo de ser homem, branco, ter posses, ser heterossexual, judaico-cristão, mais tarde conhecido como padrão heteronormativo, enraizado em tantos anos de conflitos históricos.

Entretanto, foi no decorrer dos anos 1960, com a emergência da política das minorias e o reconhecimento de múltiplos pontos de vista, que os movimentos sociais começaram a lutar por um lugar de visibilidade para aqueles que sempre estiveram de lado ou à margem de serem valorizados na sociedade. O feminismo, o anticolonialismo, as mobilizações estudantis, o movimento da contracultura, a luta pelos direitos civis e os movimentos revolucionários dos países neo-colonizados e em desenvolvimento apresentaram outros atores sociais que fugiam do suposto sujeito universal, unitário, racional, baseado, também, na heteronormatividade.

Porém mantendo relação á abordagem realizada acima; antes do século XVII os homossexuais eram descritos pela igreja como sodomitas – pessoas relacionadas ás cidades promíscuas que foram destruídas por esse fato (MOTT, 2001), tendo relação principal com Ló e alguns homens que buscavam relação sexuais com anjos enviados por Deus – uma categoria ampla que incluía contato sexuais, entre homens, homens e animais, ou homens e mulheres, desafiando a reprodução (BORGES, 2009; CORRÊA JÚNIOR; VIEIRA; GOMES; FREIRE, LOBO, 2010).

Diante as abordagens anteriores, na visibilidade dos homossexuais vale ressaltar que a descrição tem muito peso até os dias atuais, sendo alvo de julgamento social, em diferentes culturas. A forma negativa como a sociedade vê e trata os homossexuais, apesar das transformações que vêm ocorrendo, é outro motivo que faz com que alguns reneguem a própria sexualidade. Os estereótipos e a falta de modelos com os quais se identificar também atrapalham, a constante crença de que homens homossexuais são obrigatoriamente femininos

ou devem cruzar o gênero, e o contrário também de que homens femininos são homossexuais estão presentes nesta afirmação: “Só fui entender que um gay não precisava ser necessariamente uma mocinha, ter um corpo estrutural/delicado ou desfilar no baile de carnaval com a bunda de fora com quase 30 anos de idade”, afirma o engenheiro carioca.... –

Um dos movimentos que ganhou força a partir das buscas sociais, foi o de visibilidade das pessoas com orientações sexuais desviantes do padrão heterossexual, gostar do sexo oposto, e dos padrões de identidade de gênero para homens e mulheres, ou seja, a obrigatoriedade de homens serem exemplos de masculinidade e mulheres de feminilidade. Sobretudo, a soma de uma orientação sexual e uma identidade de gênero divergentes do sexo biológico, na visão heteronormativa são indesejáveis e/ou intoleráveis a se tornarem exemplo ou modelo quando se trata de aspectos corporais ou comportamentais.

Não se pode negar que o espaço que se abriu na sociedade, principalmente pela mídia, fez com que aumentasse a discussão acerca do tema, mas até que ponto esta discussão, que poderia ter um caráter inovador e transformador, não serve aos ideais de uma sociedade normatizadora? Como aponta Louro (2001, p. 542), essa maior visibilidade:

[...] tem efeitos contraditórios: por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual, e até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física. Louro (2001, p. 542),

Porém, alguns noticiários de acesso público divulgam, que atores e atrizes considerados “galãs” que são vistos como símbolo de representação corporal, pelos belos corpos diante do público heterossexual, se assumiram homossexuais. Tendo em vista que a imagem corporal destes atores eram inspiração em vários ambientes, dentre eles academias e outros estabelecimentos que visam a busca de um corpo que represente a imagem corporal que condiz com o sexo biológico, isso em relação a sociedade.

Por exemplo, Ricky Martin, um Popstar assume sua orientação sexual diante sua carreira internacional, sendo, no entanto, um dos corpos mais desejados em virtude de sua forma física.

“CANTOR MAIS SEXY DO MUNDO” PELA REVISTA DE PRESTÍGIO “GLAM'MAG”

A decisão de revelar sua orientação sexual publicamente ainda tem muitas ramificações em um mundo que não é completamente acolhedor e “aberto” para pessoas homossexuais – ainda mais se você é uma pessoa pública, que depende da imagem para sobreviver.

Ou seja, muitas vezes manter o corpo e os comportamentos padronizados, são justificativas para serem aceitos como referências, e não perderem a valorização social que alcançaram, ou mesmo na tentativa de alcançar a valorização.

Além da valorização social diante o corpo e os comportamentos, ao mesmo tempo em que o estilo de vida atual imposto pela modernidade está contribuindo para a diminuição dos níveis de atividade física (MATSUDO, MATSUDO, ARAÚJO, ANDRADE, OLIVEIRA & BRAGGION, 2002) e para o aumento do consumo de alimentos hipercalóricos e industrializados, os padrões de beleza atuais exigem valores antropométricos cada vez menores (ANDRADE & BOSI, 2003; NUNES, OLINTO, BARROS & CAMEY, 2001). Esta realidade se traduz na busca constante pelo corpo perfeito, jovem, esquelético para mulheres ou musculoso para homens, divulgado constantemente pela mídia e apresentado em revistas, cinema e comerciais, influenciando a crescente insatisfação das pessoas com a própria aparência (BOSI, RAGGIO, MORGADO, COSTA & CARVALHO, 2006).

A imagem corporal associa-se ao autoconceito com foco na aparência e forma corporal, entendida como a representação mental do nosso próprio corpo como um processo dinâmico e singular (GONÇALVES, CAMPANA, TAVARES, 2012). Esse processo de construção da imagem corporal integra-se às condições determinantes da cultura e da sociedade, influenciada pelas dinâmicas interações entre a pessoa e o meio em que ela vive (BLASHILL, 2011). Neste sentido, a mídia, a família e os amigos condicionam os indivíduos a experiências de se exercitar, cuidar de seu corpo, direcionando-os a desejos, hábitos, cuidados e descontentamentos com a aparência do corpo (BLOWERS, LOXTON, GRADY-FLESSER, OCCHIPINTI, DAWE, 2003)

Entretanto, tal experiência não se concretiza em um fator preditor da percepção da imagem corporal, haja vista a elevada prevalência de insatisfação com a imagem corporal encontrada tanto em sujeitos que apresentam excesso de peso, quanto em indivíduos eutróficos, segundo parâmetros do índice de massa corporal (IMC). Há indícios de que a complexidade da avaliação da imagem corporal possa ser independente do estado nutricional, embora esteja vinculado a parâmetros comportamentais e sociais (CARPER, NEGY, TANTLEFF-DUNN, 2010). Estudos apresentam que o nível de insatisfação, bem como a satisfação com a imagem corporal em diferentes populações específicas são muito variáveis, sejam em homens e mulheres (COSTA, ASSIS, (2011). Há pesquisas que apontam que homens homossexuais têm maior tendência a desenvolver insatisfação corporal, outros são mais específicos e sugerem que não apenas a orientação sexual, mas também a orientação de gênero mais feminina explicaria essa insatisfação entre homens homossexuais (RUSSELL, KEEL, 2011). Ou ainda, estudos em

população homossexual apontam uma maior insatisfação corporal quando comparada aos heterossexuais, devido à maior identificação destes com valores femininos (MURRAY, RIEGER, KARLOV, TOUYZ, 2013). De acordo, com estas considerações, homens ainda podem variar em suas percepções por diferentes fatores e alguns critérios da sexualidade humana poderiam então expressar estas diferenças como a orientação sexual e a identidade de gênero.

Em específico na formação da percepção corporal temos os professores de educação física que estão em um curso em que as práticas corporais valorizam a forma e aparência corporal, e ajudam diretamente na formação desta percepção. Porém eles não estão livres de percepções próprias, suas experiências podem influenciar na formação da percepção da imagem de seus alunos e/ou clientes. Diante deste quadro e da falta de consenso encontrado na literatura, o objetivo do presente estudo foi analisar a percepção da imagem corporal de homens de diferentes identidades sexuais do curso de Educação Física.

Justifica-se este trabalho, por observar a lacuna existente na exploração acadêmica na percepção da imagem corporal em homens de diferentes identidades sexuais do curso de educação física, bem como a exploração limitada em estudos relacionados a homossexualidade; ainda mais com o propósito de comparação/relação com outras identidades sexuais. Também, o fato desta percepção ser advinda dos acadêmicos dos cursos de Educação Física é interessante, uma vez que serão os mesmos que atuarão com as práticas corporais no âmbito escolar e não escolar. Em estudos prévios já se havia relatado que acadêmicas do Curso de Educação Física apresentam uma preocupação maior com a aparência física quando comparada com acadêmicas de outros cursos (O'BRIEN & HUNTER, 2006).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2 IMAGEM CORPORAL

A imagem corporal pode ser considerada como a forma que representamos o nosso corpo para nós mesmos, é a imagem mental que fazemos de nosso corpo, isso significa que esta imagem está carregada de experiências pessoais e por isso passa por constantes transformações baseadas na forma como agimos e sentimos (PORTAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA).

Ela se constrói da mesma forma em que se destrói, está sempre se modificando para se adaptar ao meio. Sua estruturação depende das suas relações com o outro ou com objeto. Sua

construção depende do contato do corpo com o mundo, que pode aceitá-lo ou rejeitá-lo definindo assim, a identidade da pessoa, baseada, não somente em memórias e experiências, mas também em intenções, tendências e aspirações. (PORTAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA).

Contudo, a imagem corporal pode ser confundida com a imagem visual do corpo o que seria um conceito equivocado do ponto de vista humanista e psicomotor, pois apresenta um aspecto sensorial específico. Por exemplo, ao olharmos no espelho vemos o nosso reflexo, a nossa aparência corporal como as pessoas nos vêem isso é imagem visual do corpo, e quando fechamos nossos olhos tentando visualizar a nossa aparência, geralmente não conseguimos ver o que as pessoas vêem isso é uma representação mental que varia de acordo com o que sentimos. (PORTAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA).

O termo imagem corporal, com base na psicomotricidade e áreas afins, refere-se à imagem ou representação mental, que abrange aspectos afetivos, sociais e fisiológicos. (PORTAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA).

A imagem corporal pode ser entendida com a representação mental do corpo. Ela é dinâmica e singular. Este constructo multifacetado tem componentes perceptivos e atitudinais – cognitivos, emocionais e comportamentais – que se estabelecem num *continuum*, partindo de valores positivos e usualmente associados a sentimentos e comportamentos saudáveis – prática de exercícios, cuidados com o corpo, relações sociais estáveis, autoestima – para valores negativos, associados a outros quadros clínicos – como depressão e obesidade, por exemplo. Estes valores negativos associam-se a distúrbios da representação do corpo, estando alguns descritos nos manuais de diagnóstico de doenças mentais – i.e., transtorno alimentar e dismorfia corporal – ou com evidências fortes apontando para uma relação causal – i.e., dismorfia muscular (CASH, 2004; HAUSENBLAS & FALLON, 2006).

Os problemas com a imagem do corpo podem progredir de uma moderada insatisfação para uma preocupação extrema com a aparência física, levando a uma imagem corporal negativa, que é uma condição mais estressante e inibitória que a insatisfação corporal inicial (Rosen, Orosan, & Reiter, 1995). Cash (2004) apresenta a imagem corporal negativa como um forte sentimento de insatisfação com aspectos da aparência física que as pessoas têm consigo mesmas. Historicamente as pesquisas em imagem corporal focaram-se em avaliar, descobrir relações, estabelecer causas e tratamentos para a imagem corporal negativa (Thompson & Gardner, 2002).

2.3 ORIENTAÇÃO SEXUAL

O estudo da homossexualidade aumentou consideravelmente nas últimas décadas, motivado pelas grandes mudanças ocorridas neste período, na cultura homossexual ocidental, quem geraram grande visibilidade desses (SILVA, 2007; BORGES, 2009).

Na dimensão Biofísica, tem-se como pressuposto que o dimorfismo sexual e a fisiologia hormonal estimulada pela proporção entre hormônios sexuais, estrogênios (feminino), androgênios (masculinos) e progesterônios (de gravidez) influenciam diretamente os aspectos corporais físicos, metabólicos, comportamentais e emocionais de homens e mulheres, o que poderia explicar, em parte, as diferenças entre as escolhas de indivíduos de diferentes sexos (MONEY; EHRHARDT, 1978; MONEY, 1998; GEARY, 2006). Em conformidade a isso, homens estariam, em média, estariam mais suscetíveis às práticas físicas, teriam mais massa muscular, maior força física, seriam mais competitivos e agressivos (DEANER; BALISH; LOMBARDO, 2016), já as mulheres seriam, em média, mais longevas (ASANUMA *et al.*, 2014), mais próximas de atividades/exercícios estéticos, ritmos e de expressividade artística, como as práticas corporais mais eróticas, tipo as danças (CARDOSO; SILVEIRA; ZEQUINÃO; MARTINS; SOUZA, 2010).

A segunda dimensão, constituída pelos desejos, emoções e afetos por parceiros sexuais, ou seja, a orientação sexual, pode-se categorizá-la em monossexual, os que desejam ou sentem atração por apenas um dos sexos biológicos, sejam heterossexuais, que possuem desejos e atrações pelo Sexo Biológico oposto, ou homossexuais, com desejos e atrações por indivíduos com o mesmo Sexo Biológico. Por fim os bissexuais, que são aqueles que possuem desejos e atrações por indivíduos de quaisquer um dos Sexos Biológicos (KINSEY; POMEROY; MARTIN, 1948; MONEY, 1955; 1988; 1998; MONEY; EHRHARDT, 1978; CARDOSO, 1996; 2008a; 2008b; CARDOSO; WERNER, 2004; ROUGHGARDEN, 2004; VALENTOVÁ, 2004; BÁRTOVÁ; VALENTOVÁ, 2012; CARDOSO; SACOMORI, 2012).

Cardoso (2008) apresenta uma das teorias para a etiologia da homossexualidade como:

A causa da orientação sexual seja ela homossexualidade ou heterossexualidade, é que esta se desenvolve em fases e é multifatorial. De forma geral, pode-se dizer que os anos formativos mais importantes para homo, bi, e heterossexualidade estão até a fase da infância e não como muitos pensam na puberdade e adolescência. Em resumo, os hormônios atuariam na puberdade apenas o que já se formou anteriormente (PILLARD; WEINRICH, 1986; RAHMAN, WILSON; ABRAHAMS, 2003) (CARDOSO), 2008, P. 198).

Para Lacerda *et.al* (2002 apud PEREIRA, 2004) a sexualidade é uma construção cultural. A mesma autora citando agora Roese (1999) apresenta que muitas análises históricas

das relações sexuais mostram que elas refletem os valores normativos concernentes a interesses determinados por diferentes períodos.

SILVA (2007) concordando com o exposto acima complementa que:

Devemos estar atentos para o fato de que este termo não designa uma realidade em si, mas uma coisa que é produto do vocabulário moral da modernidade: o conceito de homossexual é tão histórico e socialmente construído como qualquer outro termo (SILVA, 2007, P17.)

Borges 2009 afirma que:

A homossexualidade será tantas coisas quanto as que elas foram ditas. A homossexualidade “significa”, ou seja, “existe” para uma grande quantidade de pessoas e porque existe na linguagem, enquanto discurso, acumula uma série de coisas já ditas e ainda por dizer a cada momento histórico (BORGES, 2009, p. 43).

Kynsei ([1948] 1998) apud Silva, 2007), afirma que não devemos considerar sexualidade como apenas em dois lados os heterossexuais e os homossexuais, de formas isoladas, mas acreditar na sexualidade como um *continuum* que permitiria entender todas as formas de se relacionar, acreditando que os seres humanos variam sexualmente de uma maneira inclassificável.

Durante a história muitas foram como os homossexuais foram vistos e passaremos por algumas que valem a pena serem lembradas, assim como começaram a ser vistos os homossexuais no final do século XVIII:

Sua inversão será perversão porque seu corpo de homem será portador da sexualidade feminina que acabara de ser criada. O invertido apresenta um duplo desvio: sua sensibilidade nervosa e seu prazer sensual eram femininos. Seu sexo foi, por isso mesmo, definido como contrário aos interesses da reprodução biológica (COSTA, 1995a, p. 129 citado por SILVA, 2007, p. 23).

Homens aprendem a se tornar homens por meio dos projetos de gênero masculino com os quais se envolvem e pelo pertencimento a determinados grupos. Existe uma complexidade de regras e maneiras para se construir e se fazer pertencer ao modelo de masculinidade hegemônica enraizado na sociedade. As diferenças são construídas culturalmente em um espaço/tempo, mas, elas, no atual plano social, ainda geram relações assimétricas. Nessa perspectiva, para Connell (1995) as masculinidades são configurações em torno da posição dos homens na estrutura de relações de gênero e refletem-se em suas experiências físicas, pessoais e culturais. Com isso, elas são construídas e reconstruídas, não podendo ser tomadas como realidades imutáveis e objetivas, estando sempre mudando de acordo com a história e a cultura,

bem como estão sujeitas às relações de poder. Para ser homem é preciso tornar-se homem (BADINTER, 1993), o que sugere que o caminho para concretizar as regras da masculinidade precisa ser construído e conquistado. A possibilidade de se desviar desse caminho é uma constante ameaça na vida dos sujeitos.

Na dinâmica entre o corpo normatizado (onde opera a lei social) e o corpo normalizado (onde que já está naturalizada a lei) operam-se inúmeras tecnologias sutis e eficientes, capazes de estabelecer, em alguns aspectos, em um grau maior ou menor, um corpo aceito. O queremos afirmar é que quanto maiores e eficientes forem os instrumentos normatizadores, melhores e mais qualificados serão os espaços dos corpos normalizados ao longo do tempo. Nesse sentido, as configurações do tempo/ espaço são imprescindíveis nos caminhos entre o normatizado e normalizado nas masculinidades.

Para Pennycook (2007) e Butler (2003), as identidades sociais, identidades de gênero, sexualidades e masculinidades são produzidas através da performance em que a repetição de gestos e de falas reforçam a idéia de que existe uma essência, uma forma pré-estabelecida de ser. Entretanto, defendemos o contrário, não existe uma essência, o que existe são discursos que interpelam as subjetividades e constroem corpos. O devir sujeito vai se constituindo através das articulações entre saberes ou discursos, normatividades ou exercícios de poder e a relação do sujeito consigo (FOUCAULT, 1984). Os estudos pós-modernos desenvolvidos pela estadunidense Judith Butler (2003) nos mostram que a identidade é um ato performativo em que a ação de falar tem efeito de materializar e criar os corpos, da forma que interessam ao poder ou à sociedade.

A imagem corporal é um complexo fenômeno humano que envolve aspectos cognitivos, afetivos, sociais/culturais e motores. Está intrinsecamente associada com o conceito de si próprio e é influenciável pelas dinâmicas interações entre o ser e o meio em que vive. O seu processo de construção/desenvolvimento está associado, nas diversas fases da existência humana, às concepções determinantes da cultura e sociedade. Na história, ocorreram modificações das formas de apresentação e representação dessa imagem, com consequências notáveis na relação intra e extramuros corporais.

A busca de uma imagem corporal, adequada aos anseios estereotipados de corpo, é um dos fenômenos mais impressionantes na sociedade atual; existe uma grande influência cultural sobre a cultura e imagem do corpo, o que pode criar aspectos enviesados relacionados ao universo corporal. Neste contexto, foram criados "modelos" de referência quase inatingíveis, pois o corpo "vendido" passa distante da realidade da maioria.

2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA

Entretanto, nem sempre a atividade física é usada na busca para estabelecer uma imagem corporal bem estruturada. O abuso do exercício – atividade física sistematizada, que possui frequência, duração e intensidade delineadas (CASPERSEN, POWELL, & CHRISTENSEN, 1985), tem sido motivo de frequente preocupação nos casos de dismorfia corporal, pelo alto índice de dependência que pode gerar. Outra preocupação é o uso do exercício como método compensatório nos quadros de bulimia nervosa. Esses dois exemplos ilustram como a atividade física pode auxiliar na perpetuação de distúrbios, que envolvem uma representação prejudicada do corpo (ASSUNÇÃO, CORDAS, & ARAÚJO, 2002).

Para Tavares (2003), a atividade física (incluindo o exercício) deve proporcionar ao indivíduo vivências que possibilitem um desenvolvimento de sua imagem corporal, o que implica, em última instância, tornar-se consciente de seus próprios sentimentos e reações fisiológicas em relação ao corpo e à atividade, respeitando seus limites e suas possibilidades. Este é um processo que pode ser facilitado pelo profissional da educação física ao trabalhar experiências corporais com seus alunos, considerando as necessidades educativas especiais dos mesmos (TAVARES, 2007).

Dada a possibilidade de ser uma fonte de compensações longitudinais e também de agravamento de transtornos, é de extrema importância não só ao profissional de educação física, mas a todos os profissionais da saúde, o conhecimento das consequências que algumas modalidades de atividades físicas podem exercer na imagem corporal.

A Portaria nº 148, do Ministério de Educação e Cultura (MEC), de 27 de abril de 1967, foi o primeiro documento oficial a conceituar a Educação Física, apresentando-a como “um conjunto de ginástica, jogos, desportos, danças e recreação” (SÃO PAULO, 1985, p.157), tendo como objetivos promover o desenvolvimento do corpo e do espírito, fortalecer a vontade, formar e disciplinar hábitos saudáveis, entre outros.

A sociedade da época era caracterizada pelo domínio do governo militar e pela busca do chamado “Milagre Econômico”. As pessoas que estavam no poder tinham como meta a conservação do nacionalismo e o avanço do Brasil como uma potência mundial. Mais uma vez, a Educação Física foi utilizada como forma de atender as convicções e interesses do poder político, pois sua aplicação no ambiente escolar passou a apresentar como objetivos de ensino o aprimoramento das forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, contribuindo para a formação de atletas de elite, mantendo a imagem do corpo, aliás, deveriam

representar o país em terras estrangeiras, tornando o Brasil uma nação olímpica e promovendo o nacionalismo (BELTRAMI, 2001).

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Caracterização da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa observacional, a pesquisa a qual não tem interferência do pesquisador no estudo, empírica ou de campo que é a busca de dados relevantes e convenientes obtidos por meio da experiência, da vivência do pesquisador, de caráter quantitativo. Para Rodrigues e Limena (2006, p. 89) a pesquisa quantitativa é compreendida: [...] quando a abordagem está relacionada à quantificação, análise e interpretação de dados obtidos mediante pesquisa, ou seja, o enfoque da pesquisa está voltado para análise e a interpretação dos resultados, utilizando-se da estatística. Com recorte temporal transversal (THOMAS, NELSON e SILVERMAN, 2012), entre diferenças nas identidades sexuais também na percepção da imagem corporal.

3.2 Sujeitos do Estudo

Os participantes do estudo foram 105 homens estudantes do curso de educação física de instituições privada e pública de ensino superior, o grupo possui uma média de idade $22,70 \pm 4,41$ anos (17 a 42 anos).

3.3 Instrumentos

Para coletar as informações dos participantes da pesquisa utilizou-se da descrição dos participantes, que continha também a mensuração das identidades sexuais, com a escala Kinsey para orientação sexual e uma adaptação para a identidade de gênero. Para mensurar a percepção da imagem corporal utilizou-se a Escala de Silhuetas de Stunkard (The Figure Rating Scale), e para os esquemas de gênero do autoconceito utilizou-se do Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IMEGA), (DE CARVALHO, 2017); Escalas de silhuetas Stunkard (Escala de stunkard & cols. 1983).

Entende-se por imagem corporal a figura mental relacionada ao tamanho e forma do corpo, além dos sentimentos, atitudes e experiências relacionadas a essas características. A escala de silhuetas, também denominada “contour line drawing” ou “figural drawing scales” em inglês, tem sido amplamente utilizada para avaliação da imagem corporal. As imagens das escalas geralmente variam de um sujeito muito magro a um obeso. O indivíduo deve escolher qual figura melhor o representa (silhueta atual) e com qual gostaria de se parecer (silhueta desejada); a insatisfação corporal é representada pela discrepância entre essas medidas. Uma escala muito utilizada para adultos foi desenvolvida por Stunkard et al. com nove figuras para cada sexo. Desde então, surgiram vários instrumentos – nem todos validados – com diferentes números de silhuetas. Além dos passos necessários para a criação de qualquer escala, outros critérios devem ser levados em consideração na construção e aplicação das escalas de silhuetas.

Destacam-se, nos estudos de validação, cuidados com o incremento constante entre figuras adjacentes (escala intervalar), a suficiência do número de figuras para abranger o máximo de possibilidades, a ausência de detalhes corporais que possam atuar como elementos de distração ou refletir etnias específicas, a mudança proporcional entre regiões do corpo e a altura constante entre figuras. Em relação à aplicação da escala, deve-se considerar o material utilizado (por exemplo, figuras em cartões separados ou em folha única), a forma de apresentação das figuras (por exemplo, aleatória, ascendente) e forma de aplicação, se por um entrevistador ou se autoaplicada. A análise dos dados obtidos também exige cuidados extras, como a utilização de testes não paramétricos, considerando que a maioria das escalas apresenta características não intervalares, em que não há mudança constante entre figuras adjacentes.

O método de utilização das Escalas de Silhuetas consiste na apresentação de uma determinada série de figuras que, geralmente, varia da figura mais magra até a mais gorda, onde o avaliado deve escolher a figura que representa seu corpo atual, ideal ou desejado (BELL et al.1986).

Figura 1 – Escala de Silhueta de Stunkard



Fonte: Escala de stunkard & cols. 1983

-Escala de Kinsey

A escala de Kinsey, também chamada de Escala de Classificação Heterossexual-Homossexual, é usada em pesquisas para descrever a orientação sexual de uma pessoa com base em sua experiência ou resposta em um determinado momento. A escala varia tipicamente de 0, significando exclusivamente heterossexual a 6, significando exclusivamente homossexual. Em ambos os volumes masculino e feminino do Kinsey Reports, uma nota adicional, listada como "X", foi usada para significar "nenhum contato ou reação socio sexual".

A escala de Kinsey varia de 0, para aqueles que se identificam como exclusivamente heterossexuais, sem experiência ou desejo de atividade sexual com o mesmo sexo, a 6, para aqueles que se identificam como exclusivamente homossexuais sem experiência ou desejo sexual atividade com os do sexo oposto, e 1-5 para aqueles que se identificariam com níveis variados de desejo por atividade sexual com qualquer sexo, incluindo desejo "incidental" ou "ocasional" de atividade sexual com o mesmo sexo.

Por exemplo:

0 – **Exclusivamente Heterossexual** (desejo apenas por parceiros do sexo oposto)

1 – **Predominantemente Heterossexual** (tenho maior desejo por parceiros do sexo oposto)

2 – **Bissexual** (mais desejo para parceiros do **sexo oposto**)

- 3 – **Bissexual** (desejo igual entre os dois sexos)
- 4 – **Bissexual** (mais desejo para parceiros do **mesmo sexo**)
- 5 – **Predominantemente Homossexual** (tenho maior desejo por parceiros do mesmo sexo)
- 6 – **Exclusivamente Homossexual** (desejo apenas por parceiros do mesmo sexo)

Para as associações entre os critérios das identidades sexuais utilizou-se do agrupamento das categorias como na orientação sexual, exclusivamente heterossexual e predominantemente heterossexual foram classificados como heterossexuais; bissexuais mais atração por sexo oposto, Exatamente bissexual e bissexual mais atração pelo mesmo sexo, foram classificados como bissexuais; e exclusivamente homossexuais e predominantemente homossexuais, foram classificados como homossexuais. Para a identidade de gênero seguiu o mesmo princípio em que exclusivamente masculino, predominantemente masculino classificados como masculinos, andrógono mais masculino, exatamente andrógono e andrógono mais feminino foram classificados como andrógenos; exclusivamente femininos e predominantemente femininos foram classificados como femininos.

-Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito

Baseados na teoria dos Esquemas do Autoconceito (MARKUS; 1977) e da multidimensionalidade entre a feminilidade e masculinidade, acredita-se que todos os indivíduos possuam tanto características para masculinidade quanto para a feminilidade, de forma que esses conceitos estejam em dimensões ortogonais (GIAVONI; TAMAYO, 2000). Dessa forma, surgiu o construto Esquemas de Gênero do Autoconceito para que se pudesse estudar e mensurar como as pessoas organizam e pensam o seu comportamento sobre a masculinidade e feminilidade (BEM, 1981a; 1981b; GIAVONI; TAMAYO, 2000).

O primeiro instrumento, denominado Inventário dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IEGA), foi validado para estudantes universitários e foi composto por cinco fatores para a escala feminina, sendo eles Tolerância, Insegurança, Sensualidade, Emotividade e Responsabilidade, e quatro fatores para a escala masculina, Negligência, Racionalidade, Ousadia e Agressividade (GIAVONI, 2000; GIAVONI; TAMAYO, 2000). Esse instrumento serviu como base para criar os outros dois, devido às diferenças entre os itens para homens e mulheres, IMEGA e IFEGA, a primeira validação foi realizada para o IMEGA (GIAVONI, 2000; GIAVONI; TAMAYO, 2003), sendo extraídos para os homens os fatores Egocentrismo,

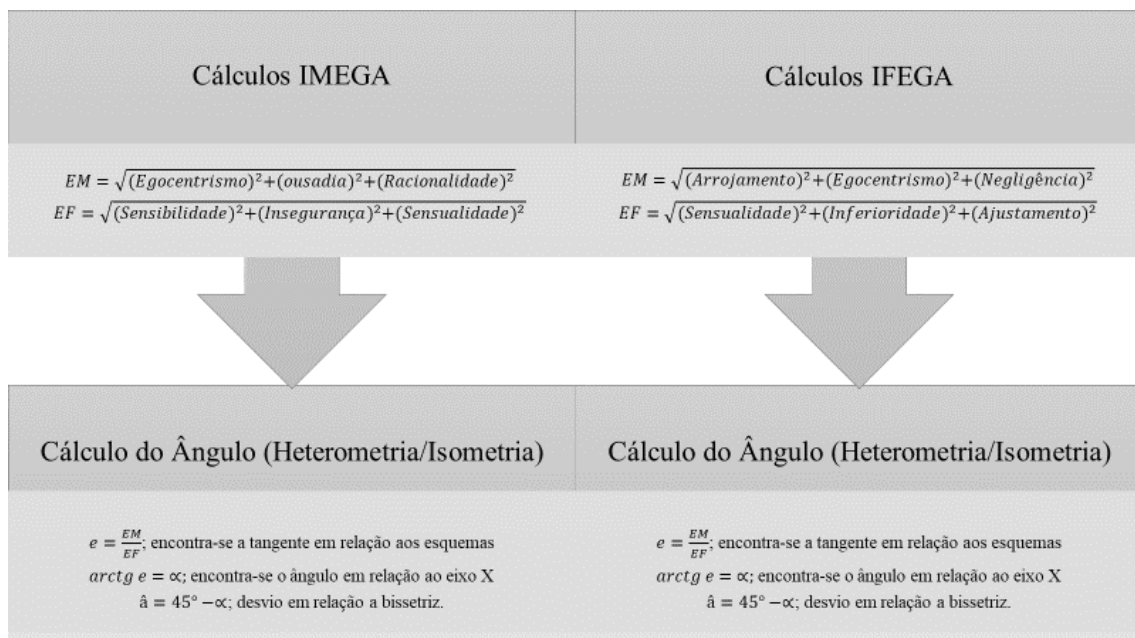
Ousadia e Racionalidade para a escala masculina e os fatores Integridade, Sensualidade, Insegurança e Emotividade para a escala de feminilidade.

O IMEGA é constituído por 71 itens que representam as dimensões citadas. Possui uma escala numérica ordinal de cinco pontos de zero a quatro, em que zero é o item que não se aplica ao participante, dois aplica-se moderadamente e quatro aplica-se completamente.

Como forma de classificação dos instrumentos, Giavoni e Tamayo (2010) propuseram a síntese psicológica avaliada pelo modelo interativo, que permite observar tanto a oposição quanto a complementariedade entre as escalas de masculinidade e feminilidade. Assim, encontrando-se os grupos tipológicos que são os Heteroesquemáticos Masculinos, os Isoesquemáticos e os Heteroesquemáticos Femininos (GIAVONI, 2000; GIAVONI; TAMAYO, 2010).

Como forma de classificação para as escalas são necessários cálculos matemáticos que permitam agrupar as informações em dois vetores ortogonais, um de masculinidade considerado no modelo como eixo Y, e feminilidade considerado eixo X.

Os instrumentos medem a partir dos escores das dimensões da masculinidade o Esquema Masculino e dos escores das dimensões da feminilidade o Esquema Feminino. Para ambos os instrumentos, os escores são obtidos por meio da média aritmética dos itens que compõem cada dimensão.



EM=Esquema Masculino; EF=Esquema Feminino; arctg=arcotangente.

Fonte: De Carvalho, 2017.

3.4 Procedimentos de coleta

O presente estudo utilizou-se uma forma de coletar os dados dos participantes da pesquisa, sendo ela em que os instrumentos e questionários utilizados foram impressos em forma de um livro (versão impressa) e coletados em salas com várias pessoas ao mesmo tempo, na presença do autor da pesquisa. Primeiro, entregava-se o livro e explicava quais eram os objetivos da pesquisa quanto à coleta de que iriam participar. Para ser mais claro, foi realizada a leitura de todo o livro na frente dos alunos. O próprio autor da pesquisa entregava o caderno aos participantes, que eram orientados a responder de forma precisa aos instrumentos que ali estavam e que não seriam identificados de forma alguma. Os participantes preenchiam os questionários sem intervenção do autor da pesquisa; após declarar respondido o questionário, o próprio participante entregava o livro para o aplicador (autor da pesquisa), deste modo garantindo o anonimato e o conforto do participante, garantindo a impossibilidade de reconhecimento de qualquer participante.

Para a aplicação, foram seguidos perfeitamente todos os protocolos estipulados pelos instrumentos.

O contato com os professores e diretora de uma das instituições possibilitou um maior número de dados, pelo fato de conseguir aplicar em horários exatos para uma grande parte dos estudantes, também facilitando a minha comunicação com os mesmos.

3.5 Tratamento dos dados

Para a análise dos dados, primeiro realizou-se a tabulação dos questionários numa planilha do Excel, então analisou-se os dados no programa estatístico IBM SPSS versão 22. As análises descritivas foram médias e desvio-padrões, para os dados numéricos, frequência absoluta e relativa para os dados categóricos. Para as análises inferenciais recorreu-se ao teste de Qui-quadrado, ou Exato de Fisher para verificar associação entre os dados categóricos.

4 RESULTADOS

Para a amostra de homens participantes presentes neste estudo, tem-se uma representação próxima entre cursos de Educação Física de instituição pública (52,4%) e privada (47,6%), com cerca de (56%) cursando os 4 primeiros semestres, 46,7% se declararam com cor de pele branca, seguidos por 39% parda, 87,6% sem companheiras(os). Sobre aspectos relacionados as identidades sexuais 83,8% se declararam com orientação sexual exclusivamente heterossexual, 72,4% com uma identidade de gênero exclusivamente masculina. Mais detalhes sobre a descrição da amostra estão na tabela 1.

Tabela 1 – Descrição dos amostra de homens

		n	%		
Instituição (105)			Estado Civil (105)		
Pública	55	52,38	Sem Companheiro	92	87,62
Particular	50	47,62	Com Companheiro	13	12,38
Semestre (102)			Orientação Sexual (105)		
1°	35	34,31	Exc. heterossexual	88	83,81
2°	1	0,98	Pred. heterossexual	2	1,90
3°	19	18,63	Bi. mais heterossexual	1	0,95
4°	2	1,96	Bissexual exato	2	1,90
5°	8	7,84	Bi. mais homossexual	1	0,95
6°	7	6,86	Pred. homossexual	3	2,86
7°	15	14,71	Exc. homossexual	8	7,62
8°	7	6,86	Identidade de Gênero (105)		
9°	3	2,94	Exc. masculino	76	72,38
10°	2	1,96	Pred. masculino	25	23,81
11°	3	2,94	And. mais masculino	1	,95
Cor da Pele (105)			Andrógino	2	1,90
Branca	49	46,67	Pred. feminino	1	,95
Preta	12	11,43	Esquemas de Gênero do Autoconceito (105)		
Amarela	2	1,90	Het. Feminino	21	20,00
Parda	41	39,05	Het. Masculino	27	25,71
Indígena	1	0,95	Isoesquemático	57	54,29

n=frequência absoluta; %=frequência relativa; Exc.=Exclusivamente; Pred.=Predominantemente; Bi.=Bissexual; And.=Andrógino, Het.=Heteroesquemático.

Comparando entre as instituições pública e privada não encontrou-se associação com a imagem corporal real ($\chi^2(6)=7,554$; $p=273$), a imagem desejada pelos participantes ($\chi^2(3)=1,131$; $p=0,770$), a imagem ideal para mulheres ($\chi^2(3)=3,719$; $p=0,293$) e a imagem ideal para homens ($\chi^2(3)=6,643$; $p=0,084$). Comparando também as identidades sexuais, a Orientação sexual (exato=4,438; $p=0,776$), e os esquemas de gênero do autoconceito ($\chi^2(2)=1,009$; $p=0,613$), não apresentaram distribuições diferentes porém, a identidade de Gênero (exato=7,175; $p=0,043$) apresentou uma distribuição diferente entre as instituições. Aparentemente os homens da instituição pública ($n=35$, 64%) se declaram menos exclusivamente masculinos que os da instituição privada ($n=41$, 82%) o que se inverte quando se declararam predominantemente masculinos, instituição pública ($n=18$, 33%) e privada ($n=7$, 14%), mais informações na tabela 2.

Tabela 2 – Identidade de Gênero por Instituição de Ensino Superior

Identidade de Gênero	Instituições	
	Privada n(%)	Pública n(%)
Exc. masculino	41(82)	35(63,64)
Pred. masculino	7(14,00)	18(32,73)
And. mais masculino	1(2,00)	0
Andrógino	1(2,00)	1(1,82)
Pred. Feminino	0	1(1,82)

n=frequência absoluta; %=frequência relativa; Exc.=Exclusivamente; Pred.=Predominantemente; And.=Andrógino.

Para as associações entre os critérios das identidades sexuais utilizou-se do agrupamento das categorias como na orientação sexual, exclusivamente heterossexual e predominantemente heterossexual foram classificados como heterossexuais; bissexuais mais atração por sexo oposto, Exatamente bissexual e bissexual mais atração pelo mesmo sexo, foram classificados como bissexuais; e exclusivamente homossexuais e predominantemente homossexuais, foram classificados como homossexuais.

Para a identidade de gênero seguiu o mesmo princípio em que exclusivamente masculino, predominantemente masculino classificados como masculinos, andrógino mais masculino, exatamente andrógino e andrógino mais feminino foram classificados como andróginos; exclusivamente femininos e predominantemente femininos foram classificados

como femininos. Não existem associações entre a orientação sexual, identidade de gênero e esquemas de gênero do autoconceito (Tabela 3).

Tabela 3 – Associações entre as Identidades Sexuais

		Orientação Sexual			Exato de Fisher	P- valor
		Heterossexual	Bissexual	Homossexual		
Identidade de Gênero	Masculino	88	2	0	9,426	0,10
	Andrógino	2	0	1		
	Feminino	0	0	1		
		Orientação Sexual			Exato de Fisher	P- valor
		Heterossexual	Bissexual	Homossexual		
Esquemas de Gênero do Autoconceito	HEM	24	1	2	2,958	0,552
	ISO	49	1	7		
	HEF	17	2	2		
		Identidade de Gênero			Exato de Fisher	P- valor
		Masculino	Andrógino	Feminino		
Esquemas de Gênero do Autoconceito	HEM	26	1	0	1,862	1,00
	ISO	54	0	1		
	HEF	21	0	0		

HEM=Heteroesquemático Masculino; ISO=Isoesquemático; HEF=Heteroesquemático Feminino.

Sobre a percepção da Imagem corporal segundo a Escala de Silhuetas (Escala de Stunkard & cols. 1983) predominaram as imagens 3, 4 e 5 (78,1%). Estas também são as imagens que são mais desejadas pelos homens, para as mulheres a imagem que representa o corpo ideal ficou mais predominante entre 3 e 4, para os homens a imagem ideal ficou mais distribuída entre 5, 4 e 3. Detalhes são apresentados na tabela 4.

Tabela 4 – Percepções da Imagem corporal

Real	1	2	3	4	5	6	8
n(%)	3(2,86)	12(11,43)	25(23,81)	30(28,57)	27(25,71)	7(6,67)	1(0,95)
Desejada	2	3	4	5			
n(%)	4(3,81)	33(31,43)	39(37,14)	29(27,62)			
Ideal para Mulheres	2	3	4	5			
n(%)	4(3,81)	39(37,14)	49(46,67)	13(12,38)			
Ideal para Homens	2	3	4	5			
n(%)	4(3,81)	28(26,67)	42(40)	31(29,52)			

n=frequência absoluta; %=frequência relativa.

As identidades sexuais aparentemente para o grupo estudado não apresentaram associação com a percepção da imagem corporal, na qual 38 (36,19%) foram classificados como satisfeitos, 33 (31,43%) insatisfeitos pela falta de massa corporal e 34 (32,38%) insatisfeitos pelo excesso de massa corporal. Detalhes apresentado na Tabela 5.

Tabela 5 – Associações entre as Identidades Sexuais

		Percepção da Imagem Corporal			Exato de Fisher	p-valor
		Satisfeito	Insatisfeito pela Falta	Insatisfeito pelo Excesso		
Orientação Sexual	Heterossexual	35	26	29	5,154	0,231
	Bissexual	2	1	1		
	Homossexual	1	6	4		
Identidade de Gênero	Masculino	36	32	33	3,508	0,689
	Andrógino	2	1	0		
	Feminino	0	0	1		
Esquemas de Gênero do Autoconceito	HEM	12	8	7	6,692	0,153
	ISO	17	16	24		
	HEF	9	9	3		

HEM=Heteroesquemático Masculino; ISO=Isoesquemático; HEF=Heteroesquemático Feminino.

Não se encontrou uma imagem ideal de corpo para homens e mulheres entre os critérios das identidades sexuais. Mais detalhes na Tabela 6.

Tabela 6 – Distribuição da Imagem Corporal ideal para homens e mulheres em relação as Identidades Sexuais

		Imagem corporal ideal para Homens				Exato de Fischer p-valor
		2	3	4	5	
Orientação Sexual	Heterossexual	4	24	36	26	4,043 0,673
	Bissexual	0	1	3	0	
	Homossexual	0	3	3	5	
Identidade de Gênero	Masculino	3	26	41	31	9,273 0,100
	Andrógino	1	1	1	0	
	Feminino	0	1	0	0	
Esquemas de Gênero do Autoconceito	HEM	2	9	11	5	8,471 0,166
	ISO	1	17	23	16	
	HEF	1	2	8	10	
		Imagem corporal ideal para Mulheres				Exato de Fischer p-valor
		2	3	4	5	
Orientação Sexual	Heterossexual	2	34	43	11	6,708 0,287
	Bissexual	0	1	2	1	
	Homossexual	2	4	4	1	
Identidade de Gênero	Masculino	4	36	48	13	7,520 0,293
	Andrógino	0	3	0	0	
	Feminino	0	0	1	0	
Esquemas de Gênero do Autoconceito	HEM	2	11	12	2	7,552 0,231
	ISO	0	23	26	8	
	HEF	2	5	11	3	

HEM=Heteroesquemático Masculino; ISO=Isoesquemático; HEF=Heteroesquemático Feminino.

Apesar de as identidades sexuais não serem suficientes para diferenciar as percepções de imagem corporal, para esta amostra, A percepção da Imagem corporal muda a imagem corporal ideal para os homens, mas não para as mulheres como mostra a Tabela 7. Para os Satisfeitos a imagem ideal de homens se concentram entre a 3^a, 4^a e 5^a imagens, para os

insatisfeitos pela falta de massa corporal a imagem ideal se concentra na 4 e 5 enquanto nas insatisfeito pelo excesso a imagem se concentra na 3 e 4.

Tabela 7 – Distribuição da Imagem Corporal ideal para homens e mulheres em relação à Percepção da Imagem Corporal

		Imagem corporal ideal para Homens				Exato de Fischer p-valor
		2	3	4	5	
Percepção da Imagem Corporal	Satisfeito	1	10	16	11	13,898 0,018*
	Ins. falta	1	4	12	16	
	Ins. Excesso	2	14	14	4	
		Imagem corporal ideal para Mulheres				Exato de Fischer p-valor
		2	3	4	5	
Percepção da Imagem Corporal	Satisfeito	2	11	18	7	5,756 0,445
	Ins. falta	2	12	15	4	
	Ins. Excesso	0	16	16	2	

HEM=Heteroesquemático Masculino; ISO=Isoesquemático; HEF=Heteroesquemático Feminino. 8valor significativo

4 DISCUSSÃO

A investigação das informações coletadas objetivou verificar se as identidades sexuais e de gênero poderiam interferir na percepção da imagem corporal entre os estudantes do curso de educação física das instituições de ensino superior pública e privada.

Para responder esse questionamento, o trabalho se debruçou nos conceitos de identidade de gênero, de sexualidade e de imagem corporal. A premissa partiu da ideia de que a percepção da imagem corporal poderia ser diferente, dependendo da sexualidade, devido às afinidades de gênero, conforme Murray, Rieger, Karlov e Touyz (2013) afirmaram.

Dos entrevistados notou-se que 96,19% (n= 101) dos entrevistados se identificaram com o gênero masculino, se consideraram exclusivamente ou predominantemente heterossexuais. Encontrou-se, ainda, que os alunos da instituição privada se consideram mais *exclusivamente masculino* do que os discentes da instituição pública. Em contrapartida, os alunos da publica se denominaram mais *predominantemente masculino* do que os estudantes da privada.

O que se pode inferir a partir dessas informações é que o engajamento político-social – incluindo as poéticas de gênero, sexualidade e diversidade – aparentemente, nas instituições públicas é maior do que nas privadas. As discussões concernentes aos aspectos identitários do sujeito são exploradas em profundidade nas universidades federais, visto que há maior representatividade dos estudantes e dos seus movimentos. (SILVA, 2013).

Toda essa representatividade, nas universidades públicas, tem implicado na mudança da percepção que as pessoas têm, não só em relação ao outro, mas de si em relação a si próprio e a forma de estar no mundo. Uma dessas alterações é na relação com a própria identidade de gênero e a ideia do masculino e do feminino (no sentido da normalidade). E, nesse quesito, parece que os homens heterossexuais da instituição pública reconhecem que não são *exclusivamente heterossexuais* com mais naturalidade do que os da particular .

O segundo dado observado é que 54,29%, de acordo com os *Esquemas de Gênero do Autoconceito*, foram reconhecidos como isoesquemático, ou seja, com características predominantes tanto de masculinidade quanto de feminilidade, e não masculinos como se consideraram na escala *de identidade de gênero*.

Isso demonstra que a visão do masculino (em ser masculino), na maior parte das vezes, está associada à construção social ou às expectativas do sujeito em relação a isso (SILVA, 2000), e não às características psicológicas (Esquema do Gênero do Autoconceito) que realmente lhe são atribuídas. De qualquer forma, esse quesito não apresentou ser potencial influenciador na construção e no julgamento da imagem corporal *como o ponto seguinte*.

A investigação se propôs a pesquisar se a incidência da insatisfação corporal é maior entre as distintas identidades sexuais como, orientação sexual, identidade de gênero e perfil psicológico de gênero. De acordo com esse tripé houve a confirmação que os homens pensam de uma forma e se comportam de outra; ficando na hipótese de - Partindo da afirmação de Arriola, Esposte, Rocha e Ramão (2013), de que é comum relacionar o homem que se cuida ao homem homossexual, haja vista que a vaidade é um comportamento feminino e por terem comportamentos sexuais semelhantes, agem parecidos. Raichet (1996), também já considerava que a insatisfação corporal é relativamente maior entre as mulheres, pois a sociedade e a mídia se esforçam em valorizar ao extremo a beleza feminina. (GONÇALVEZ; MARTINEZ, 2014).

O que se descobriu entre os não houve diferença entre as distintas identidades sexuais. Possivelmente, uma das razões para esse fenômeno acontecer é devido ao advento da geração dos considerados metrossexuais, cujo hábito de cuidar da aparência e do corpo não se associa ao sexo feminino ou à sexualidade homossexual. (GOTTING, 2003 *apud* ARRIOLA; ESPOSTE; ROCHA; e RAMÃO, 2013).

A expansão da metrossexualidade se deve, principalmente, pela influência da mídia que, por sua vez, tem atribuído ao corpo masculino um caráter erótico, sensual e fetichista. Esse tratamento sofisticado da imagem que os veículos de comunicação têm propagado, por um lado estão carregados de apelos consumistas, mas por outro têm criado e reforçado novas expressões da identidade masculina, sem ter que associá-las à sexualidade do sujeito. (GARCIA, 2004).

O desgosto dos discentes com a própria imagem corporal mostrou ser um causador da distorção da visão de corpo ideal. Observou-se, entre os estudantes insatisfeitos, que os que possuem mais massa corporal consideram como corpo ideal aquele que possui menor ordem na escala de silhuetas. Da mesma forma, os que têm menos massa corporal escolhe aquelas que tem maior ordem como a representação do corpo ideal.

Como apontado, ao confrontar os alunos a respeito do que pensavam sobre corpo ideal, para os homens variou de acordo com o grau de satisfação. No entanto, o que consideraram para o corpo feminino, em sua maioria, foi representado em apenas duas imagens. Em outras palavras, não teve alteração/variação significativa, pois tanto satisfeitos quanto insatisfeitos marcaram as figuras 3 e 4 como a que melhor representa a imagem de corpo ideal para as mulheres.

Analisando essas escolhas, este resultado aponta para as considerações de Lima, Batista e Júnior (2013) sobre a feminilidade e as expectativas da sociedade de corpo ideal da mulher, relacionando-as às curvas nas medidas certas (nem com pouca massa nem com muita), à sensualidade e ao que é vendido pela mídia.

Sendo assim, considerando todas as informações investigadas na bibliografia desta pesquisa e cruzando-as com os dados encontrados na seção anterior, compreendeu-se que a percepção da imagem corporal dos indivíduos não está vinculada às suas práticas sexuais ou até mesmo a sua consciência identitária, mas aos aspectos psicológicos, como a visão de si mesmo e a autoestima.

Esses dois fatores são cruciais para a construção da imagem, mas isso não quer dizer que eles estão livres de influências externas como, por exemplo, o contexto social e os ataques midiáticos, ditando constantemente os tamanhos e as formas mais aceitas. Essa influência, como verificada neste trabalho, gera insatisfação nos indivíduos e, por consequência, este cria uma imagem distorcida de si.

Portanto destaca se algumas limitações do estudo como a utilização de instrumentos psicológicos de medida, ou seja relevância e subjetividade dos indivíduos, a forma de coleta, a qual o controle total dos acadêmicos era impossível pelo fato da sala sempre haver movimentações de alunos, e quantidade de alunos, um número pequeno pela indisponibilidade

da grande maioria, e também a menor parte de homossexuais os quais não foram encontrados de maneira satisfatória em relação aos heterossexuais.

O estereótipo reduz toda a variedade de características de um povo, uma raça, um gênero, uma classe social ou um "grupo desviante" a alguns poucos atributos essenciais (traços de personalidade, indumentária, linguagem verbal e corporal, comprometimento com certos objetivos, etc.), supostamente fixados pela natureza. Encoraja, assim, um conhecimento intuitivo sobre o Outro, desempenhando papel central na organização do discurso do senso comum (FREIRE FILHO, 2004, p. 47 apud ANJOS, 2013).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se ocupou em abordar as questões de gênero e sexualidade e em como esse fator pode interferir na construção da imagem corporal de cada indivíduo.

Os instrumentos que mais se mostraram úteis ao longo dessa jornada foram as Escalas de Silhuetas de Stunkard, os Esquemas de Autoconceito e a Escala Kinsey. A partir do cruzamento das informações encontradas em cada uma dessas instâncias foi possível perceber que as questões de gênero e sexualidade pouco interferem na ideia de corpo que as pessoas têm, especialmente quando se trata da própria imagem corporal.

O que pareceu se mostrar importante é que a construção da imagem corporal (no sentido pessoal e coletivo) depende diretamente do grau de satisfação e insatisfação com o próprio corpo, ou seja, a autoestima tem força suficiente para alterar essa imagem.

Outro ponto bastante enfático é que os homens da instituição privada são mais exclusivamente masculinos do que os da instituição pública. Sendo relevante a análise de acordo com a diversidade maior encontrada na instituição pública, pela quantidade de cursos diferentes e também das diversas realidades sociais deparadas.

Além do mais, que os homens pensam ser exclusivamente/predominantemente masculinos e deixam isso de forma clara, porém sendo contraditório quando se analisa a escala de autoconceito, ou seja, seus pensamentos como sujeito masculino não condizem com seus próprios comportamentos, os quais são masculino/feminino.

Obviamente, estas informações são a base para uma pesquisa mais profunda acerca do tema. Esta, por sua vez, não pretende se encerrar por aqui, mas o fôlego inicial foi dado a partir das inferências encontradas durante o processo dessa investigação.

Enquanto pesquisador da área da Educação Física, este trabalho se mostrou extremamente relevante para a formação pessoal e profissional, visto que este assunto é inédito e ainda há muitos frutos que podem advir das observações aqui prestadas. Ainda vale destacar de forma bem relevante a questão do curso de educação física está sendo engajado como um ambiente que cria modelos e corpos de forma que sejam padrões sociais e possíveis influências no mercado tecnológico. Ainda mais além, a área da educação física vem sendo melhorada com as mais variadas pesquisas e vem sendo quebradas incógnitas e análises diversificadas vem fazendo parte do crescimento da área do profissional de educação física, como analisar variáveis que abordem sexualidade, graus de satisfação, identidade de gênero. E o melhor do estudo é contribuir para a diversidade e deixar claro que a educação física vem se destacando diante as variadas formas na construção também social e diversa abrangente da área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES MM, LAMOUNIER JA, COLOSIMO EA. Prevalência de sobrepeso e obesidade nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. Rev Assoc Med Bras 2003; 49:335-40.

ALMEIDA GAN, SANTOS JE, PASIAN SR, LOUREIRO SR. Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: estudo exploratório. Psicol Estud 2005; 10:27-35.

ANJOS, L. A. Conflitos de gênero e sexualidade no esporte: o episódio Michael. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 2013, Belo Horizonte. Anais... 2013.

APPOLINÁRIO, Fabio. Dicionário de Metodologia Científica. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 295p.

ARRIOLA, ALINE LIBERA MAYER; ESPOSTE, MARÍLIA CRISTINA ALVES; ROCHA, MATHEUS VIEIRA; RAMÃO, FERNANDA PAMPLONA. Metrossexualidade – as influências das telenovelas na concepção do homem contemporâneo. S/e. S/d. 2013. Disponível em < https://www.univel.br/sites/default/files/conteudo-relacionado/metrossexualidade_-_as_influencias_das_telenovelas_na_concepcao_do_homem_contemporaneo.pdf>. Acessado em 18 de mai de 2019 às 12:32h.

BACHILLER C. R. Poscolonialismo y teoria queer. In: CORDOBA, D.; SAEZ, J.; VIDARTE, P. (Ed.) *Teoria Queer*: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas. Barcelona, Madri: Egales, 2005, pp.149-164.

Bell C, Kirkpatrick SW, Rinn RC. Body image of anorexic, obese, and normal females. J Clin Psychol 1986; 42:431-9.

BLASHILL AJ. Gender roles, eatind pathology, and body dissatisfaction in men: a meta-analysis. Body Image. 2011;8:1-11.

BLOWERS LC, LOXTON NJ GRADY-FLESSER MG, OCCHIPINTI S, DAWE S. The relationship between sociocultural pressure to be thin and body dissatisfaction in preadolescent girls. Eat Behav. 2003;4:229-244.

BORGES, R.C Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade da filhos e filhas. 2009. 242 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

BRANCO LM, HILÁRIO MOE, CINTRA IP. Percepção e satisfação corporal em adolescentes e a relação com seu estado nutricional. Rev Psiquiatr Clín (São Paulo) 2006; 33:292-6.

BYRNE NM, HILLS AP. Should body-image scales designed for adults be used with adolescents? Percept Mot Skill 1996; 82(3 Pt 1):747-53.

CARDOSO, F. L. Cultural universals and diferences in male homosexuality: The case of a brazilian fishing village. Arch Sex Behav. v. 34, i. 1, p. 103-109, 2005. DOI: 10.1007/ s10508-005-1004-x.

CARPER TL, NEGY C, TANTLEFF-DUNN S. Relations among media influence, body image, eating concerns, and sexual orientation in men: A preliminary investigation. *Body Image*. 2010;7:301-09.

CARVALHO PHB, FILGUEIRAS JF, NEVES CM, COELHO FD, FERREIRA MEC. Checagem corporal, atitude alimentar inadequada e insatisfação com a imagem corporal de jovens universitários. *J. bras. psiquiatr.* 2014;62:108-14.

CASTRO IRR, et al. Imagem corporal, estado nutricional e comportamento com relação ao peso entre adolescentes brasileiros. *Ciênc Saúde Coletiva* 2010; 15 Suppl 2:3099-108. *Comun. & Inf.*, Goiânia, GO, v. 17, n. 2, p. 139-154, jul./dez. 2014.

COSTA FFDA, ASSIS MAA. Nível de atividade física e comportamentos sedentários de escolares de sete a dez anos de Florianópolis-SC. *Rev bras. ativ. Fis. saúde*. 2011;16(1):48-54.

COTRUFO P, IANNACONE M, CELLA S. Biological gender, sexual orientation and gender role in eating disorders. In I. J. Lobera (Ed.), *Relevant topics in eating disorders*. Rijeka: InTech., 2012. p. 65-82.

DAMASCENO VO, LIMA JRP, VIANNA JF, VIANNA VRA, NOVAES JS. Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de caminhada. *Rev Bras Med Esporte* 2005; 11:18.

DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO BÁSICA, SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE, MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Obesidade*. Brasília: Ministério da Saúde; 2006. (Cadernos de Atenção Básica, 12). (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Escala de stunkard & cols. 1983.

FERNANDES AER. Avaliação da imagem corporal, hábitos de vida e alimentares em crianças e adolescentes de escolas públicas e particulares de Belo Horizonte [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte: Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais; 2007.

FINGERET MC, GLEAVES DH, PEARSON CA. On the methodology of body image assessment: the use of figural rating scales to evaluate body dissatisfaction and the ideal body standards of women. *Body Image* 2004; 1:207-12.

GARCIA, W. O corpo contemporâneo: a imagem do metrossexual no Brasil. Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. V. 05. N. 11, jul./set. de 2004. – Semestral.

GARDNER RM, BROWN DL. Body image assessment: a review of figural drawing scales. *Pers Individ Dif* 2010; 48:107-11.

GARDNER RM, FRIEDMAN BN, JACKSON NA. Methodological concerns when using silhouettes to measure body image. *Percept Mot Skills* 1998; 86: 387-95.

GONÇALVES CO, CAMPANA ISSO, TAVARES MC. Influência da atividade física na imagem corporal: Uma revisão bibliográfica. *Motri*. 2012;8 (2):70-82.

GONÇALVES, V.O.; MARTINEZ, J.P.. Imagem Corporal de Adolescentes : um assunto sobre as relações de gênero e influência da mídia.

HAAS NA, GARCIA ACD, BERTOLETTI J. Imagem corporal e bailarinas profissionais. Rev Bras Med Esporte. 2010;16(3):182-185.

HOLLV.WOOD HY.ROCRISV.: Celebrating Pederas!Y. While Grandstanding_Against Sexual Assault (March 5, 2018)

KAKESHITA IS, ALMEIDA SS. Relação entre índice de massa corporal e a percepção da autoimagem em universitários. Rev Saúde Pública 2006; 40:497- 504.

LEONHARD ML, BARRY NJ. Body image and obesity: effects of gender and weight on perceptual measures of body image. Addict Behav 1998; 23:31-4.

LIMA, A.F.; BATISTA, K.A.; JUNIOR, N.L.. A Ideologia do corpo feminino perfeito: Questão com o real. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 18, n. 1, p. 49-59, jan./mar. 2013. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v18n1/v18n1a05.pdf>>. Acesso em 20 de mai de 2019 às 12:00h.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). O CORPO EDUCADO: Pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos Tomaz Tadeu da Silva. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.176 p.

MARKEY CN, MARKEY PM. Gender, sexual orientation, and romantic partner influence on body image. An examination of heterosexual and lesbian women and their partners. Journal of Social and Personal Relationships. 2014;31:162-77.

Materiais Deemed Harmful to Minors Are Welcomed Into Classrooms and Libraries Via Educational "Obsceni!Y. ExemRtions" (December 12, 2017).

MURAROLE MB. Estudo da fidedignidade testereteste de uma escala de silhuetas brasileira para adolescentes [Trabalho de Conclusão de Curso]. Ribeirão Preto: Curso de Nutrição, Universidade de Ribeirão Preto; 2011.

MURRAY SB, RIEGER E, KARLOV L, TOUYZ SW. Masculinity and femininity in the divergence of male body image concerns. Journal of eating disorders. 2013;1.

NUNES MMA, FIGUEIROA JN, ALVES JGB. Excesso de peso, atividade física e hábitos alimentares entre adolescentes de diferentes classes econômicas em Campina Grande (PB). Rev Assoc Med Bras 2007; 53:130-4.

PEREIRA, A. S. L. S. Representações sociais do homossexualismo e Preconceito contra homossexuais. 2004. 144 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Mestrado em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2004.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. Disponível em: < <https://www.educacaofisica.com.br/ciencia-e-exercicio/imagem-corporal-e-esquema-corporal/>>. Acesso em 20 de maio de 2019 às 12:00h.

KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell & MARTIN, Clyde. Conducta sexual del Varón. México: Editorial Interamericana,1949.

Reis NM et al. Imagem corporal, estado nutricional e sintomas de transtornos alimentares em bailarinos. *Rev bras ativ fis saúde*. 2013;18(6):763-81.

RODRIGUES, M.L.; LIMENA, M.M.C. (Orgs.). *Metodologias multidimensionais em Ciências Humanas*. Brasília: Liber Livros Editora, 2006. 175p.

RUSSELL CJ, KEEL PK. Homosexuality as a specific risk factor for eating disorders in men. *International Journal of Eating Disorders*. 2012;31:300–06.

SILVA, A. N. N. *Homossexualidade e Discriminação: O preconceito sexual internalizado*. 2007. 390 f. Tese (Doutorado em psicologia clinica) – Departamento de psicologia, Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro. 2007.

SILVA, A.K.L.. Diversidade Sexual e Gênero: a construção do sujeito social. *Rev. NUFEN*. Vol.5. no.1. São Paulo, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912013000100003>. Acessado em 20 de mai de 2019 às 09:40h.

SILVA, S.G.. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicol. cienc. prof.* vol.20 no.3 Brasília Sept. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003>. Acessado em 19 de mai de 2019 às 14:23h.

SMOLAK L. Body image in children and adolescents: where do we go from here? *Body Image* 2004; 1: 15-28.

STICE E, WHITENTON K. Risk factors for body dissatisfaction in adolescent girls: a longitudinal investigation. *Dev Psychol* 2002; 38:669-78.

STUNKARD AJ, SORENSEN T, SCHULSINGER F. Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. In: Kety SS, Rowland LP, Sidman RL, Matthysse SW. *The genetics of neurological and psychiatric disorders*. New York: Raven Press; 1983. p. 115-20.

THOMPSON JK. *Body image, eating disorders, and obesity: an integrative guide for assessment and treatment*. Washington DC: American Psychological Association; 1996.

THOMPSON MA, GRAY JJ. Development and validation of a new body-image assessment scale. *J Personal Assess* 1995; 64:258-69.

TÚRY F, GÜLEÇ H, KOHLS E. Assessment methods for eating disorders and body image disorders. *J Psychosom Res* 2010; 69:601-11.

WILLIAMSON S, DELIN C. Young children's figural selections: accuracy of reporting and body size dissatisfaction. *Int J Eat Disord* 2001; 29:80-4. ESCALAS DE SILHUETAS E SATISFAÇÃO CORPORAL 443 *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 29(3):427-444, mar, 2013.

